


Domingos de Oliveira		1930 <i>Ao público, ou a qualquer pessoa que pareça público não se pode dizer embora melhor senão o que ela já sabe, isto é, aquilo que é absolutamente de dizer-lhe</i> (Fernando Pessoa)
	Governo de Domingos de Oliveira: do Acto Colonial à União Nacional	<i>...As desordens cada vez mais graves do individualismo, do socialismo e do parlamentarismo, laivados de actuações internacionalistas</i> (Salazar)

...seria criminoso e, além de criminoso, ridículo, acrescentar aos que existem, o partido...dos que não querem partidos
 (Salazar)

Há dois nacionalismos diametralmente opostos, um liberal, democrático, pacífico, outro reaccionário, despótico, militarista
 (Bernardino Machado)

• **Conciliar Comte e São Tomás.** No ano da morte de Raúl Brandão, Luís Montalvor, antigo colaborador da revista *Orpheu*, lança a *História do Regime Republicano em Portugal*, com colaborações, entre outros, de Jaime Cortesão e Joaquim de Carvalho. Luís Cabral de Moncada publica *Do Valor e Sentido da Democracia. Ensaio de Filosofia Política*, enquanto na ficção se destaca *A Selva* de Ferreira de Castro (1930). Cortesão, em defesa dos nossos títulos coloniais lança, na Exposição Internacional de Antuérpia, o estudo *L'Expansion des portugais dans l'histoire de la civilisation*, assumindo a clássica funções do oposicionista patriota, como o tinham feito o Visconde de Santarém e Penha Garcia. Surge a revista *Pensamento*, de um Instituto de Cultura Socialista (1930), bem como o Centro de Estudos Democráticos, com Armando Marques Guedes, Vitorino Nemésio, Joaquim de Carvalho, Hernâni Cidade (1887-1975), Newton de Macedo e José Ribeiro dos Santos. Pretendem fazer uma aproximação dos republicanos à Ditadura. Por seu lado, Alfredo Pimenta, em *Estudos Filosóficos e Críticos*, propõe que se fizesse, para Auguste Comte, o que São Tomás fizera a Aristóteles. Já em 1913 Pimenta reconhecia que *o espírito luminoso de Comte foi quem reconheceu que os inferiores não podem escolher os superiores, os dirigidos não podem escolher os dirigentes, por deficiência própria natural*. Na altura, estes argumentos faziam-no republicano e evolucionista, mas, como ele também reconhece nessa data, *só há uma Verdade: é que a Verdade não existe. Só há, como dizia Comte, um absoluto: é que tudo é absolutamente relativo*. Hermann Von Keyserling profere três conferências em Lisboa, no ano em que termina o julgamento do burlão Alves dos Reis, condenado a 20 anos de prisão (20 de Junho).

• **Demissão de Primo de Rivera e golpe de Getúlio Vargas** – Quando em Espanha acaba a ditadura de Miguel Primo de Rivera, que se retira para o exílio parisiense, e começa a *dictablanda* (28 de Janeiro), eis que se demite o governo social-democrata na República de Weimar, com novas eleições, nas quais os nazis a passam de 12 para 107

lugares. Surge, de Georges Bernanos, *La Grand Peur des Bien-Pensants*, e no Brasil dá-se o golpe de Getúlio Vargas contra o presidente Washington Luís. Em França surge o grupo *Ordre Nouveau*, com Arnaud Dandieu e Robert Aron, desejando uma terceira via, diversa do demo-liberalismo, e contra o fascismo e o comunismo, em nome daquilo que os mesmos autores não-de qualificar em 1933 como a *revolução necessária*.

● **Contra a escravização das colónias e a ditadura separatista.** No ano da morte de Mário Sá Carneiro, é publicado o *Acto Colonial*, onde se consagra a colonização como *essência orgânica da Nação*, mas contra a tradição liberal, de monárquicos e republicanos, procurando-se copiar os modelos britânicos, no ano em que Gandhi inicia a sua campanha de desobediência civil contra o imposto de sal. E, do exílio, Bernardino Machado emite um violento manifesto *O Acto Colonial e a Ditadura contra o ditador Salazar, presidente de facto do Ministério, maire du Palais do chefe nominativo do Estado, esse falso doutor em Direito*. É também em Agosto deste ano que se inaugura o Estoril Palácio Hotel, uma iniciativa de Fausto Figueiredo (1880-1950) que transforma aquela estância de férias numa espécie de Riviera à portuguesa. Há 6 825 881 habitantes no Continente e Ilhas, 80% vivem no campo, 47% exercem a actividade na agricultura, cultivando 5 383 000 hectares, e 7 037 estudantes universitários. Em Lisboa e no Porto vive 12% da população. Conforme pode ler-se no parecer d Câmara Corporativa de 7 de Fevereiro de 1935, sobre a Lei de Reconstituição Económica, nas palavras de António Vicente Ferreira, ainda somos *um país de comunicações difíceis, de agricultura primitiva, de indústrias rudimentares, de habitações miseráveis, sem ensino, sem cultura – sem civilização, em suma*. Um país essencialmente agrícola, mas que ainda não conhece a própria revolução agrícola. Mas onde, efectivamente, há dois países agrícolas. A Norte do Tejo, 5 166 519 portugueses, com uma densidade de 100 habitantes por quilómetro quadrado. No Sul, os restantes 19% da população, com uma densidade de 32 habitantes por quilómetro quadrado. O país do Sul vive, sobretudo, da lavoura cerealífera, da cortiça, dos gados e começa a lançar-se na oliveira. Mas o trigo, desde a lei de Elvino de Brito de 1899 apenas sobrevive pelo protecçãoismo aduaneiro que, no fundo, para utilizar as palavras de Araújo Correia, *equivale a um imposto sobre os consumidores de trigo, um imposto liquidado anualmente e distribuído sob a forma de mão-de-obra e outros custos*. A Norte do Tejo, a agricultura de auto-subsistência produz azeite, milho, legumes e centeio. Mas também exporta: há um milhão de hectares plantados de pinhal que produzem anualmente 4 500 toneladas de aguarrás e 20 000 de resinas; há os vinhos, sobretudo os do Douro, que exportam anualmente 500 000 hectolitros. Eis um país entre o pão e o vinho, onde o protecçãoismo aduaneiro levou à intervenção do Estado na economia, pelo que *muitas energias adormecem com a certeza que lhes vem da protecção pautal excessiva e os sucessivos melhoramentos das indústrias e agricultura são muitas vezes relegados a plano secundário*, numa espécie de *lei do menor esforço* (Araújo Correia).

● **Cunha Leal na oposição** – Cunha Leal, então director do Banco de Angola, profere uma conferência na Associação Comercial de Lisboa onde critica violentamente Salazar, por causa de Angola dizendo que a colónia poderia deixar de ser portuguesa (4 de Janeiro). Nota oficiosa de Salazar sobre a crise de Angola refuta o fundador da União Liberal Republicana (6 de Janeiro) que logo publica na imprensa novo ataque a Salazar (8 de Janeiro). Discussão do assunto no Conselho de Ministros, com a maioria a manifestar-se contra Salazar que apenas é apoiado pelo ministro da justiça Lopes da

Fonseca. Carmona aceita a demissão de Ivens Ferraz, apoiando a manutenção de Salazar (11 de Janeiro). Cunha Leal, preso, passa do Aljube para Ponta Delgada e, daqui, para o Funchal, em Outubro. Evade-se em Novembro, passando para Londres e, depois, para Espanha, só regressando a Lisboa, amnistiado, em Dezembro de 1932 (Maio). São também presos em Maio João Soares, Moura Pinto, Tavares de Carvalho, Carneiro Franco e Raúl Madeira.

● **Governo nº 101 de Domingos de Oliveira** (896 dias, desde 21 de Janeiro). No interior o coronel António Lopes Mateus (1878-1955).

Na justiça, Luís Maria Lopes da Fonseca. Na instrução, Gustavo Cordeiro Ramos. Nas finanças, António de Oliveira Salazar. Na guerra, o antigo democrático e alvarista e



futuro organizador da Legião Portuguesa, João Nepomuceno Namorado Aguiar² (1876-1945). Na marinha, Magalhães Correia (capitão de mar e guerra). Na agricultura, Linhares de Lima (coronel). Nos estrangeiros,

Fernando Augusto Branco (n. 1890). Nas colónias, Eduardo Augusto Marques. Salazar assume a pasta das colónias, interinamente, até 29 de Julho, quando lhe sucede Eduardo Augusto Marques (n. 1893). É neste período que emite o chamado Acto Colonial, por decreto de 8 de Julho.

● Em 19 de Janeiro: Schiappa de Azevedo (coronel) assume a pasta da guerra.

● Em 26 de Janeiro: José de Almeida Eusébio na justiça.

● Em 31 de Janeiro: o professor de direito Armindo Rodrigues Sttau Monteiro (1896-1955) nas colónias.

● **Angola** – Salazar, em nota oficiosa, na qualidade de ministro interino das colónias, anuncia um plano de obras de fomento para o território (25 de Janeiro). Norton de Matos critica-o publicamente, obrigando o ministro interino a responder com nova série de notas oficiosas (de 16 a 22 de Fevereiro).

● **Revivalho** – Centro Republicano Académico de Coimbra promove as comemorações do 31 de Janeiro na presença do coronel Manuel Maria Coelho, discursando Homem Christo, Luís da Câmara Reis (1885-1961) e Mário de Castro.

● **Cerejeira** – Entronização de Cerejeira, a que assiste Óscar Carmona (3 de Fevereiro).

● Surge uma **Liga Liberal**, grupo oposicionista onde se destaca o Engenheiro Perpétuo Cruz (Março). Também em Março, o Ministro da Justiça autoriza a abertura da sede do GOL, com limitações, até Dezembro.

● **Sindicalistas** – Surge a Comissão Intersindical de Lisboa Pró-Defesa do Horário de Trabalho, dominada pelos comunistas (6 de Março).

● Começa o julgamento de **Alves dos Reis** (8 de Março).

● **Incidentes em Angola** Conflitos do chefe de estado-maior Genipro da Cunha de Eça e Freitas e Almeida com o tenente Moraes Sarmiento. Morte deste último, quando o Alto Comissário, Filomeno da Câmara, se tinha deslocado ao Lobito (16 de Março). Filomeno é demitido, sendo substituído pelo tenente-coronel Bento Roma, segundo conselho de Monsenhor Alves da Cunha a Salazar, então ministro interino das colónias. Norton de Matos, em declaração pública, apoia Filomeno da Câmara.

● **Acto Colonial** – Publicado na imprensa o projecto de *Acto Colonial* que cria o conceito de *Império Colonial Português*, abolindo o regime dos altos-comissários. Diz-se que visa *os princípios do mais alto nacionalismo*. Redigido por Salazar, Armindo Monteiro e Quirino de Jesus (30 de Abril).

● Logo 3º Congresso Colonial, que está reunido em Lisboa, se insurge contra a mudança, defendendo a designação de *províncias ultramarinas* e a consideração de *um todo unitário e indivisível* (8 de Maio).

● Salazar é apoiado por João de Almeida e Henrique Galvão, mas ferozmente criticado por Cunha Leal que considera que o Acto Colonial, *depois de bem exprimido, não é nada*. O 28 de Maio entra assim em cisão tanto pela questão colonial como pela questão militar.



● Nova nota oficiosa de Salazar sobre a situação de Angola. Anunciada a criação do Banco de Fomento Colonial com extinção da Junta da Moeda de Angola. O general Bilstein de Meneses é enviado como observador a Luanda (16 de Junho). Entretanto, é publicado o decreto nº 18 570 que aprova o Acto Colonial. Apenas será revogado com a revisão constitucional de 1951 (8 de Julho). Concluídas estas tarefas, Salazar abandona a pasta das Colónias, para onde é nomeado Eduardo Marques² (29 de Julho).

● Bernardino Machado, no manifesto *O Acto Colonial da Ditadura*, fala no *incendiário dum ukase colonialista*, invocando a circunstância da República ter continuado a política dos liberais monárquicos. Proclama que *a nacionalização das colónias só se faz*

pela íntima cooperação com a metrópole, e não é para ditaduras; que o problema colonial consiste, como todo o problema social, numa questão de liberdade. Reconhece que a alma da nação é indivisível e que Portugal entrou na guerra por causa das colónias.

● **Monárquicos** – Surge a *Política*, revista doutrinária, editada pela Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano. Entre os colaboradores, Dutra Faria, Pinto de Lemos, Amaral Pyrrait, António Pedro e António Tinoco (Abril).

● **Afonso Costa** desloca-se a Sevilha, a fim de contactar com os republicanos espanhóis (Abril).

● **A batalha da ordem** – Na sessão comemorativa do quarto aniversário do 28 de Maio, Domingos de Oliveira anuncia a criação de uma *organização política civil que possa manter e continuar a obra da Ditadura*. Salazar faz um discurso sobre *Ditadura Administrativa e Revolução Política*, onde enuncia as linhas da chamada *batalha da ordem*.

● **Intentona de Junho** – Vaga de prisões a 17 de Junho, nomeadamente Sá Cardoso, Hélder Ribeiro, Augusto Casimiro, Rego Chaves, Ribeiro de Carvalho, Carlos Vilhena, Maia Pinto, Correia de Matos, Pinto Garcia, João Soares, Moura Pinto, Tavares de Carvalho, Carneiro Franco, Raúl Madeira e Francisco Cunha Leal. Estaria prevista movimentação revoltosa para 21 de Junho. Várias deportações para os Açores e Madeira de alguns dos implicados.

● **Conspiração de João de Almeida** – Durante o mês de Julho, há confrontos palacianos entre os homens do 28 de Maio. Os apoiantes de Salazar, liderados por Lopes Mateus, têm a oposição de Vicente de Freitas e de João de Almeida. No anti-salazarismo, também alinham Ivens Ferraz e Namorado Aguiar.

● **Criada a União Nacional** por decreto do Conselho de Ministros (30 de Julho). Na Sala do Conselho de Estado, General Domingos de Oliveira lê o texto fundador. Comparecem membros do Governo e representantes dos municípios do país. Salazar faz discurso intitulado *Princípios Fundamentais da Revolução Política* onde critica *as desordens cada vez mais graves do individualismo, do socialismo e do parlamentarismo, laivados*

de actuações internacionalistas (30 de Julho). Salienta também que *o liberalismo político do século XIX criou-nos o "cidadão", indivíduo desmembrado da família, da classe, da profissão, do meio cultural, da agregação económica, e deu-lhe, para que exercesse facultativamente, o direito de intervir na constituição do Estado. Colocou, por isso, aí a fonte da soberania nacional... Nós aprendemos pelo raciocínio e vimos pela experiência que não é possível erguer sobre este conceito – a liberdade – um sistema político que efectivamente garanta as legítimas liberdades individuais e colectivas...*

● **Os bois depois do carro** – Fernando Pessoa, criticando este *relatório falado*, ou *bois depois do carro*, um apanhado aliás muito lúcido e lógico de princípios políticos já conhecidos, observa que *ao público, ou a qualquer pessoa que pareça público não se pode dizer embora melhor senão o que ela já sabe, isto é, aquilo que é absolutamente dizer-lhe.*

● **Causa Monárquica** apoia Salazar e incita os monárquicos a aderirem à União Nacional (Agosto)

● **O cabo Mateus** – O ministro do interior, o maçom Lopes Mateus, entra em conflito com Vicente de Freitas e persegue os monárquicos que não aceitam colaborar.



● **Grupo de Buda** – Surge, em Paris, o chamado Grupo de Buda com os oposicionistas Moura Pinto, Jaime Alberto de Castro Morais (1882-1973) e Jaime Cortesão². Ligados a

José Domingues dos Santos (Agosto).

● **Agitação** – Notas oficiosas anunciam várias prisões para evitar nova revolta (dias 4 e 11 de Outubro). Esboçam-se em Lisboa manifestações da oposição (5 de Outubro).

● **Crise em Coimbra** – Incidentes na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, com manifestações de hostilidade de vários estudantes face ao reitor, Fezas Vital, nas cerimónias da abertura solene do ano lectivo (19 de Outubro). Decreto, datado do dia 9, aceita o pedido de exoneração de Fezas Vital (12 de Dezembro).

●Criação do **Tribunal de Contas**, em substituição do Conselho Superior de Finanças, pelo Decreto nº 18 962 (25 de Outubro).

●**Novas intentonas do revirvalho** – Recusada a existência de *milícias civis* para a defesa da Ditadura (Outubro). Cerca de três dezenas de estudantes republicanos da Faculdade de Direito de Lisboa, depois de uma assembleia-geral invadem as instalações do Ministério da Instrução (19 de Novembro). Entre os participantes na manifestação, os jovens maçons José Magalhães Godinho, Teófilo Carvalho dos Santos e Artur Santos Silva. O motivo do protesto fora a detenção de um colega, Francisco Mendes. Presos, vão para o Aljube, onde são libertados logo de madrugada, com o director da polícia, o tenente Brás Vieira, a dizer-lhes que *o governo é generoso*.

●**Ilegalização do PRP** – Face a uma nova intentona, o governo decreta a ilegalização do Partido Republicano Português (3 de Dezembro) a que se segue o encerramento de *O Rebate*, então órgão oficial do mesmo (dia 13). Prisão e deportação dos principais dirigentes do grupo.

●Inaugurada a **Liga Nacional 28 de Maio** (13 de Dezembro) que é dominada por sidonistas e tendo como principal líder David Neto. Um dos intervenientes na sessão fundadora, na Sociedade de Geografia de Lisboa é o maçom Martinho Nobre de Melo.

📖 Anais da Revolução Nacional (II): 349, 360; (III): 18-23, 67, 69; Cruz, Guilherme Braga da (1975): 627; Leal, Cunha (*Memórias*, III): 225 ss.; 258 ss.; 264 ss.; Machado, Bernardino (1978): 233, 236; Martins, F. Rocha (*A Europa em Guerra*, II): 594, 598, 599; Mónica, Maria Filomena (1978): 69; Nogueira, Franco (II): 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 102; Nunes, Leopoldo: 9, 179, 180, 183; Peres, Damião (*Suplemento*): 463-467.